

CENÁRIO NEBULOSO. Especialistas ouvidos pela **Gazeta** fazem projeções desoladoras para novo gestor

Equilibrar tripé social é o maior desafio do futuro governador

Saúde, educação e segurança pública têm indicadores difíceis de serem revertidos em AL

FELIPE FARIAS
REPÓRTER

Crescimento econômico para gerar empregos como um dos mecanismos de uma política de combate aos índices de violência. Saúde, para garantir o item crucial de qualidade de vida. E, na base de tudo, a educação. Em linhas gerais, este é o diagnóstico elaborado a partir da análise de pessoas ouvidas pela **Gazeta**, em função da data de hoje, dia de eleger o novo governador de Alagoas. Essa constatação também considera a conjuntura traçada ao longo dos últimos anos, na cobertura de todas essas áreas.

Debate, algumas propostas e muito embate foram expostos pelos candidatos ao eleitor até aqui, desde o início de julho, com a campanha eleitoral. Ou, se preferir, desde agosto, com o início do guia no rádio e na TV.

Mas ao final deste domingo, o alagoano saberá quem vai estar à frente dos destinos do Estado pelos próximos quatro anos. Ao final dos quais, em 2017, como lembra o economista Cícero Péricles, estará completando os 200 anos de emancipação política.

Data significativa para comemorar êxito ou marcar de maneira muito forte



Enseino público de péssima qualidade ajuda a alimentar ciclo vicioso na área social do estado

eventual repetição do saldo do atual governo.

E mais do que críticas ao passado e projeções para o futuro, o que eram propostas terão de começar a sair do papel e alcançar a prática para o árduo objetivo de tirar Alagoas da grave condição econômica e social em que se encontra, como demonstram vários indicadores.

A começar pela previsão feita pelo próprio governo do Estado. Reportagem da **Gazeta** mostrou que a previsão meramente "cosmética" e abaixo da inflação oficial, de 3,3%, fará o Orçamento de Alagoas chegar praticamente congelado ao ano que vem.

**Rumo**

Para atrair empresas que criariam empregos, é preciso qualificação. Mas Alagoas é deficiente em educação

As pessoas ouvidas, que integram ou estão à frente dos segmentos mais importantes dessa conjuntura, concordam com a urgência e prioridades para que tente vencê-los: educação, saúde e segurança encabeçam a lista destas últimas. Desenvolvimento para geração de empregos são, ao mesmo tempo, saída em si e caminho para combater o pior dos problemas: a violência.

Para atrair empresas que criariam empregos é preciso qualificação; o que, por sua vez, depende da educação, área em que o estado é o campeão em indicadores negativos no País. Ou seja: sem educação, não se consegue chegar à condição para resolver os problemas. E para melhorar a educação, Alagoas tem de se desenvolver e investir; impasse motivado por um ciclo vicioso aparentemente insolúvel.

"Considero que o maior desafio para Alagoas poderia ser colocado como algo duplo, questões que se equivalem", diz o economista Cícero Péricles. "Tem que fazer a economia crescer acima da média regional. O ideal seria num ritmo como o de Pernambuco, pela quantidade de investimentos recentes. Mas se ficar na média do Nordeste, já será muito bom", acrescenta.

Desde 2011, os índices de crescimento, segundo ele, têm ficado abaixo do necessário para alcançar essa meta. "Identifico três pontos como prioritários que o governo precisa resolver", diz o cientista político Ranulfo Paranhos.

"A questão de número um é, sem dúvida, o combate à violência. Mas é bom que se frise que não como política pública voltada apenas para a segurança pública, mas de âmbito bem mais abrangente. Por exemplo, tem de incluir geração de trabalho e renda. Em Alagoas, a desocupação tem sido atrativo para a violência. As pessoas se perguntam: por que Alagoas não tem uma montadora, mais indústrias alimentícias de porte maior?", avalia.

Para ele, a saída está em atrair investimentos e o mecanismo para isso seria por meio de incentivos fiscais.

"Mesmo com investimentos federais, seja os de rotina, seja participando de iniciativas especiais, como o Programa Brasil Mais Seguro, nos últimos

anos, as políticas públicas em Alagoas deixaram muito a desejar e o novo governo vai pegar um passivo social muito grande. Tanto que não se tem um nome forte, enquanto propostas, da parte do governo. E mesmo tendo sido uma eleição muito movimentada", diz a também cientista política Luciana Santana.

Para o presidente do Sindicato dos Médicos de Alagoas (Sinmed/AL), Wellington Galvão, a prioridade nesta área tem de ser a criação de leitos. "Alagoas tem três milhões de habitantes e a capital ultrapassou o patamar de um milhão. Mesmo assim, você não tem um hospital

geral para cirurgias eletivas – o HGE é de urgência e emergência. E a maternidade pública de referência para gestantes de alto risco está fechada", denuncia. Mas ao apontar o desafio, no geral, cita: "tem que pensar na educação".

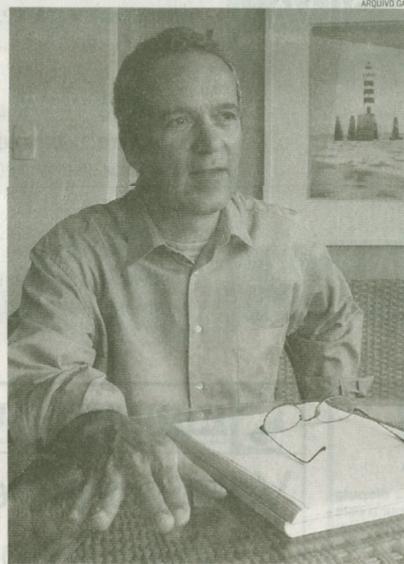
Os dados, segundo ele, são adversos: 92% da população dependem do SUS, mas 70% dos servidores do setor são contratados pelo regime de prestação de serviços. "Espero que não continuem apontando a Lei de Responsabilidade Fiscal como impedimento para fazer concurso. Não vão contratar mais ninguém? Vai ser sempre via prestação de serviços?", questiona. ●

**Saúde**

Para o Sinmed/AL, a prioridade na área de saúde é a criação de novos leitos no estado

**CÍCERO PÉRICLES**
ECONOMISTA

"Tem que fazer a economia crescer acima da média regional. O ideal seria num ritmo como o de Pernambuco, pela quantidade de investimentos recentes. Mas se ficar na média do Nordeste, já será muito bom"



ARQUIVO GA

**RANULFO PARANHOS**
CIENTISTA POLÍTICO

"Em Alagoas, a desocupação tem sido atrativo para a violência. As pessoas se perguntam: por que Alagoas não tem uma montadora, mais indústrias alimentícias de porte maior?"



JOSE FEITOSA

**LUCIANA SANTANA**
CIENTISTA POLÍTICA

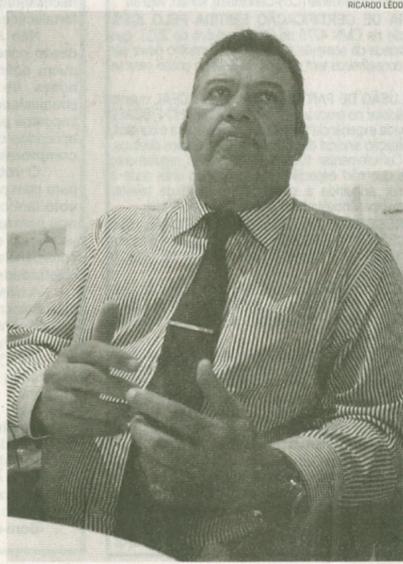
"Nos últimos anos, as políticas públicas em Alagoas deixaram muito a desejar e o novo governo vai pegar um passivo social muito grande"



RICARDO LÉDO

**WELLINGTON GALVÃO**
PRESIDENTE DO SINMED/AL

"Em Alagoas, não tem um hospital geral para cirurgias eletivas – o HGE é de urgência e emergência. E a maternidade pública de referência para gestantes de alto risco está fechada"



RICARDO LÉDO